

REVOLUCIONÁRIAS, SÁBIAS E FEITICEIRAS: MULHERES REAIS RETRATADAS NA MÍDIA CATARINENSE*

Laura Arezio Sobroza de Mello**

Resumo: O objetivo deste estudo é identificar as figuras que predominam sobre a mulher catarinense através do Jornalismo, em seu papel de tecnologia do imaginário. Especialistas ligados à psicologia e ao estudo dos arquétipos, como Carl Gustav Jung, Clarissa Pinkola Estés e Jean Shinoda Bolen foram essenciais para este trabalho. Além deles, as publicitárias Margaret Mark e Carol S. Pearson forneceram grande parte das imagens-base para a análise. Outros articulistas e autores, como Maria Ribeiro, Mariza B.T. Mendes e Rita Correia também trouxeram significativas contribuições. Foi realizado um estudo de caso da revista semanal que engloba produções dos três jornais *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e o *Diário catarinense*. Após análise de 6 meses de produção, concluiu-se que as imagens da Feiticeira, da Sábia e da Revolucionária predominam com relação às outras que foram selecionadas.

Palavras-chave: Arquétipos. Jornalismo. Mulheres.

1. Introdução

Deusa do Amor. Mãe Terra. Amazona. Estas figuras nos causam tudo, menos indiferença. No mundo real, então, as histórias são inúmeras – e, às vezes, bem mais complexas!

Algumas delas, como a princesa, têm função socializadora relevante, proporcionando “uma janela singular nas nossas preocupações mais centrais, nosso sentido de identidade social e cultural, quem pensamos que somos (ou devemos ser) – e como mudamos (ORENSTEIN, 2002, p. 8, citado por CORREIA, 2010 p. 6)

A imprensa, mesmo tendo grande poder de influência social, nem sempre esteve consciente da importância destas imagens. Isso não a impediu de, ao longo do século XX, trazer modelos para as mulheres que iam do relacionamento afetivo à personalidade. Hoje, junto de outras mídias, ainda se posiciona como uma vitrine de referências e possibilidades de identificação. Se suas personagens são apresentadas como guerreiras, exploradoras, prestativas ou amantes, isso cabe aos critérios dos(as) repórteres e editores (e, é claro, às narrativas escolhidas!).

* Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela Prof. Dra. Heloisa Juncklaus Preis Moraes.

** Autor do Artigo: Laura Arezio Sobroza de Mello. E-mail: laura.arezio@gmail.com.

Figuras arquetípicas trazem a oportunidade de envolver melhor os cidadãos, com formas mais atraentes e tocantes de contar histórias reais. Por outro lado, a aqueles ou aquelas que as utilizam como recurso, atribuem a responsabilidade de lidar com sua energia potencial e influência. Sendo assim, é importante conhecê-las e percebê-las. Sob uma perspectiva de gênero, esta é uma discussão ainda mais necessária.

2. Metodologia

Estudo de caso da revista que engloba os três jornais *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e o *Diário Catarinense*. De acordo com o Website da NSC Comunicação (2019), desde o dia 26 de outubro de 2019 ela é distribuída semanalmente, substituindo os jornais impressos diários mais conhecidos no estado.

Serão analisados seis meses de produção, de maio a outubro de 2020, excluindo-se as colunas e a seção “Conversa com”, que abarca entrevistas. O foco estará sobre reportagens com títulos que remetam às mulheres. Serão investigados, nas composições selecionadas, os arquétipos adotados para retratar pessoas reais do gênero feminino.

Como base para a busca estão as figuras universais elencadas por Margaret Mark e Carol S. Pearson no livro *O herói e o Fora-da-lei* (2001), quais sejam: Criador, Prestativo, Governante, Cara comum, Bobo da Corte, Amante, Herói, Fora-da-lei, Mago, Inocente, Explorador, Sábio e Mago. Algumas imagens femininas, como a da Bruxa, foram relacionadas com o tipo que melhor as correspondia - neste caso, o Mago -. Outras, que exerciam diferentes funções, mas foram consideradas importantes pela pesquisadora, aparecem selecionadas de autores distintos como parte dos pilares desta pesquisa. É o caso da Mulher Selvagem, de Clarissa Pinkola Estés (2018), da Grande Deusa (2008), ou Grande Mãe, apontada por diversos pesquisadores como a primeira entidade divina da humanidade, da Donzela, de Jung, da Princesa e da Mulher Fatal.

O objetivo do trabalho é identificar as imagens que predominam sobre a mulher catarinense através do Jornalismo como tecnologia do imaginário.

3. Homo Symbolicum: O imaginário

“[...] para a consciência humana, nada é simplesmente apresentado, mas tudo é representado” (DURAND, 1993, p. 54 *apud* SCOFANO, 2018, p. 24).

Nossa cultura coloca o que possui status científico em um patamar além de outros campos de conhecimento, quase que com um selo de qualidade superior. Parece até que tudo se torna passível de crítica, exceto, talvez, pela própria ciência. A filosofia, os pormenores da linguagem, os estudos da sociedade, da alma (psicologia), que tratam de imaginação e imaginário, dentre outros, tornam-se a partir destas lentes pequenos e inseguros.

De certa forma, a história do ocidente é também a história do recalque da imaginação simbólica. Recalque, por sua vez, é um mecanismo mental de defesa contra ideias que não são compatíveis com o Ego, ou seja, com aquele “eu” que media entre os processos internos e a realidade (SCOFANO; ALMEIDA, 2018). Nesse sentido, é possível questionar: a civilização ocidental estaria mesmo evitando estudar sobre o caráter simbólico do homem, por este não corresponder ao ideal absoluto do pensamento racionalista?

Se na escola já vemos uma grande valorização dos métodos analíticos apoiados nas medidas matemáticas, não é diferente nas grandes universidades ocidentais. Isso porque praticamente todo o conhecimento dos últimos séculos se constituiu concentrado na preocupação com o mapeamento e observação baseado no método científico (SCOFANO, 2018).

Gilbert Durand (1993, citado por Scofano, p. 13, 2018), um dos maiores pensadores da temática do Imaginário Social, elegeu três momentos em que a sociedade adotou uma postura discriminatória com relação às produções culturais que valorizassem mais a expressão do que a explicação por meio de conceitos:

- 1. O advento das religiões institucionais.** Diversos cultos prestados à ou às divindades começaram a proibir a criação e a construção de imagens, fossem elas de qualquer natureza, que exprimissem a relação do homem com o sagrado. Assim, somente poderiam existir as narrativas ditas “oficiais”, sacramentadas pela burocracia sacerdotal.
- 2. O racionalismo de Descartes.** O cartesianismo, como postura filosófico-conceitual, é um método de redução às evidências analíticas que pretende ser universal. Segundo Fritjof Capra (1997, p. 56), doutor em física e um dos mais renomados representantes do pensamento ecológico e sistêmico da atualidade, “Descartes deu ao pensamento científico sua estrutura geral – a concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas.” O livro *O Ponto de Mutação*, escrito por ele, e o filme correspondente feito por

seu irmão colocam em questão essa visão do mundo (CAPRA, p. 56, citado por ALMEIDA, p. 32, 2018). Isto fica perceptível na fala da personagem, uma cientista que, no longa-metragem, dialoga com um poeta e um político:

Foi Isaac Newton, na verdade, que o concretizou, que o transformou em teoria científica, em poder. Veneravam Newton quase como a um Deus, reduzindo todo fenômeno físico ao movimento de partículas causado pela força da gravidade. Ele conseguia descrever o efeito exato da gravidade em qualquer objeto, com equações precisas. Chamadas de Leis do Movimento, elas são o maior feito da ciência no século XVII. [...] Bem, nas mãos certas, ou melhor, nas mentes certas tais equações funcionavam lindamente. Eu poderia usar as leis de Newton para explicar cada movimento. Era um feito tão incrível para a época, que essas leis logo foram adoradas como a teoria correta da realidade, as leis finais da natureza. [...] O sonho cartesiano do mundo como uma máquina perfeita tornara-se um fato consumado. Isto trouxe inúmeros benefícios às pessoas. Elas podiam fazer coisas com as quais nem sonhavam antes. Era irresistível e, claro, a velha noção do mundo como um ser vivo sumiu do mapa. (CAPRA *apud* RIBEIRO, 2003).

O homem e o universo podem ser entendidos a partir dos elementos físico-químicos que compõem suas partes? Fica a questão. O olhar mecanicista, não-sistêmico, e, portanto, sem a correlação de todas as variáveis que possam interferir em um todo, está presente hoje na forma como a sociedade ampara grande parte de suas ações. Essas ações não são só científicas, mas políticas e sociais.

- 3. O positivismo, no século XIX.** A partir dele, somente a exploração científica teria o título de real conhecimento. Para Auguste Comte, criador da ideia de positivismo, o conhecimento humano sobre o mundo passaria sempre por três estados que se sucederiam em uma ordem linear. No primeiro, "teológico", todas as coisas são explicadas pela ação de entidades sobrenaturais — como era na Idade Média da Europa, por exemplo. Sua fase seguinte é a "metafísica", em que as entidades divinas são substituídas, na explicação, por abstrações filosóficas, como "povo" e "soberania." O terceiro estado é o "positivo" (daí o nome de batismo da sua filosofia). Nele, as pessoas renunciam a aquilo que não é passível de observação real, como a origem e o destino do universo, para preocuparem-se em descobrir, com o uso de raciocínio e observação, suas leis efetivas, seus fatos e as relações entre eles. Comte depositava sobre o pensamento científico a esperança de um estágio superior do espírito humano (MENDES, 2020).

Ao longo do tempo, várias formas de expressão da arte moderna se opuseram ao pedestal no qual a razão foi colocada, como o romantismo alemão, o surrealismo francês e o simbolismo. Para Scofano (2018), pós-doutor em educação, Ernst Cassirer, pensador, teve papel fundamental no combate à esta postura de desvalorização do simbólico na sua obra em geral. Embora desse grande valor à ciência, considerava-a uma construção simbólico-cultural com o mesmo estatuto de outras composições, tais como a linguagem, o mito, a religião, a ciência e a arte.

O filósofo chega mesmo a denominar o homem como animal *symbolicum*, o *Homo Symbolicum*. No ponto de vista de Cassirer, é por intermédio da articulação dos símbolos que surge a linguagem e se instaura a cultura. O mundo, antes caótico, passa a ter uma ordem por meio destas narrativas. Assim, para ele, a trajetória das pessoas é da superação dos limites de um universo apenas fisicamente orgânico para um simbólico, criado por elas. Com estas teias teriam arquitetado a linguagem, o mito, a ciência, a arte, etc, criações que constituem o tecido da complexa trama da experiência humana em seus mais variados aspectos. Por conseguinte, todo e qualquer avanço no campo do pensamento e das atividades culturais complexificam ainda mais essa rede.

Com esta característica do ser humano de atribuir sentidos teria brincado Buda. Isto é o que nos conta Joseph Campbell, famoso pelos estudos de mitologia comparada, em uma entrevista:

A mente se ocupa do sentido. Qual é o sentido de uma flor? Há uma história zen sobre um sermão do Buda, em que este simplesmente colheu uma flor. Houve apenas um homem que demonstrou, pelo olhar, ter compreendido o que o Buda pretendia mostrar. Pois bem, o próprio Buda é chamado “aquele que assim chegou”. Não faz sentido. Qual é o sentido do universo? Qual é o sentido de uma pulga? Está exatamente ali. É isso. E o seu próprio sentido é que você está aí. (1991, p. 17).

Basta pensar que não vivemos em um mundo de estado bruto, e sim mediado pela linguagem, que começamos a compreender como as formas simbólicas modelam todas as coisas e dão sentido a elas, além de propiciarem a estrutura que nos permite ver o mundo e significá-lo. Para Cassirer, por este motivo, a racionalidade não caracteriza inteiramente o homem. Além de uma linguagem conceitual, ele é dotado de uma “linguagem da imaginação poética”, caracterizada por, dentre outras coisas, emoções, fantasias e sonhos. Desta forma, o filósofo elaborou que, entre o sistema que recebe as informações do meio que nos circunda, o sistema receptor, e o meio com o qual respondemos a esses estímulos, o sistema reator, existe no homem mais um sistema, o simbólico (SCOFANO, 2018).

Ainda de acordo com Cassirer (1994, p. 47), “Comparado aos outros animais, o homem não vive apenas em uma realidade mais ampla, vive, pode-se dizer, em uma nova dimensão da realidade” (citado por SCOFANO, 2018, p. 18). Esta forma de ver as coisas levou o pensador alemão a se inscrever como um dos pioneiros nos estudos do Imaginário Social, abrindo portas para pessoas como Carl Gustav Jung e Michel Maffesoli.

Além da linha de pensamento do homem como ser racional, outra que vale a pena comentar é a que dita que razão e emoção devem ser separadas: dicotomia que gera muito sofrimento. Em uma tomada de decisão, por exemplo, é comum imaginarmos que quanto mais distante de seu emocional estiver uma pessoa, melhor e mais racional a resposta será. Entretanto, o que nos mostra a neurociência hoje é que temos dois sistemas cerebrais distintos, um mais ligado ao processamento e de emoções e o outro às funções cognitivas mais sofisticadas. Estes dois interagem de uma forma complexa e integrada. Se você prejudica um deles, embota o sistema por completo. Portanto, se tira a emoção do jogo, a sua racionalidade não funciona mais direito. É a conclusão à qual chega Guilherme Brockington (2018), pós-doutor em neurociência e educação. Ele narra que em 20 anos de pesquisa com pacientes que possuem um tumor ou outra lesão que prejudique a comunicação entre os dois sistemas, percebe-se que essas pessoas têm dificuldades em aprender coisas novas e em qualquer outro teste, seja de laboratório ou na vida pessoal. De acordo com ele, “As tomadas de decisão são as piores possíveis” (BROCKINGTON, 2018).

Levando em consideração tudo o que foi dito até agora, chega o momento de trazer uma definição do que seria o imaginário. Se ele contempla os símbolos, mas não somente, se é emoção, mas irremediavelmente ligado à razão, como conceituá-lo? Ao ser perguntado sobre como podemos definir o que é imaginário, Juremir Machado, doutor e mestre em Sociologia da Cultura, dá uma resposta interessante:

Um conceito capaz de englobar mais elementos constitutivos das nossas atividades existenciais, não só a racionalidade, mas também não só afetividade. No imaginário tem imagens, afetos, emoções, pulsões, subjetividades, trajetos existenciais. Então, é um termo que me parece muito adequado para ser usado porque ele faz fronteira com muitos outros, se vale de muitos outros e, de alguma maneira, é mais amplo que todos esses outros. (2018, p. 5).

De forma mais didática, segundo Danielle Pitta (2005), antropóloga, o imaginário pode ser definido como o conjunto de imagens e relações de imagens que constitui a parte fundamental do pensamento do ser humano. Nós produzimos figuras mentais porque as informações envolvidas em nosso pensamento são de natureza perceptiva: elas não são o

próprio objeto, mas uma faceta que conhecemos deste objeto (LAPLANTINE, TRINDADE, 1996).

Este mundo de imagens, por sua própria natureza, é mais dinâmico do que fixo. Porém, além dos variáveis símbolos, subjetividades, emoções, etc, temos também algumas disposições hereditárias para reagir que surgem como uma resposta às batalhas interiores que travamos seguidamente ao longo dos séculos. Estes são os arquétipos, que aparecem em várias culturas com igual essência, mas tomam forma por meio de símbolos diferentes. Exemplificando: ao arquétipo do governante, que demonstra a vontade de conquistar e manter o poder, correspondem símbolos como a montanha, o sol, a cabeça, a torre, o farol, o rei, a rainha, o administrador e a juíza (PITTA, 2005).

Os modelos arquetípicos, como parte do Imaginário, serão fundamentais para esta pesquisa, e, portanto, melhor esclarecidos na próxima seção.

4. Os ancestrais do porvir: modelos arquetípicos para o futuro

Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho estourará os odres e tanto o vinho como os odres ficarão inutilizados. Mas, vinho novo em odres novos! (Marcos 2:22).

A nossa época, até mesmo antes do surgimento da famigerada Covid-19, já era uma sem modelos prontos a serem seguidos. Uma queda livre para dentro do futuro, com cada um ou cada uma pisando em ovos para criar o seu próprio caminho. Certas tecnologias, especialmente, tornaram gerações próximas em pessoas com experiências bastante diferentes de vida. Para Joseph Campbell (2015), o nosso papel, concretamente, é de criação. Em termos mitológicos, o desafio atual pede que sejamos os “ancestrais” do porvir, “genitores desavisados de seus mitos fundantes, modelos míticos que inspirarão vidas futuras” (CAMPBELL, 2015, p. 18).

Para as mulheres, não é diferente. A busca trata de florescer como indivíduo; nem arquétipos biológicos nem personalidades que emulem o masculino na sociedade. Nas palavras de Campbell (2015, p. 18):

Repetindo, não há modelos em nossa mitologia para uma busca feminina individual. Nem há modelos para o homem que se casa com uma mulher individualizada. Estamos juntos nisso e devemos resolver isso juntos, não com paixão (que é sempre arquetípica), mas com compaixão, nutrindo o crescimento um do outro com paciência.

Ainda assim, é ingênuo supor que nenhum modelo mais influencie a nossa existência. Afinal, estamos cercados de heróis, princesas, sereias e deuses escondidos nas entranhas da mente que usualmente fazem parte de nosso dia a dia. Algumas figuras – como as católicas e iorubás – são reverenciadas e homenageadas hoje. Outras se mostram em histórias contadas repetidamente por gerações, como contos de fadas ou mitos, e que sinalizam experiências também revividas por muito tempo pelas pessoas. Para o psiquiatra suíço Jung (1969, p. 79), citado por Mariza B.T. Mendes (2000, p.35), certas figuras, por demonstrarem este traço, estão carregadas de uma forte emoção, que ele chama de “energia”. Essa energia lhes permite interferir no comportamento do indivíduo e da coletividade. “Os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras (JUNG, 1979, p. 79, apud MENDES, 2000, p. 35)”. Exemplos são inúmeros:

Na Grécia antiga as mulheres sabiam que sua vocação ou profissão as colocava sob o domínio de uma determinada deusa a quem elas veneravam: as tecelãs precisavam da proteção de Atenas, as jovens estavam sob a proteção de Ártemis, e as mulheres casadas honravam Hera. As mulheres veneravam e faziam ofertas nos altares das deusas de cujo auxílio necessitavam. As mulheres em estado de parto oravam para Ártemis livrá-las da dor; convidavam Héstita para residir em seus lares, transformando a casa num lar. As deusas eram poderosas divindades, a quem se prestava homenagem com rituais, adoração, oferendas e sacrifícios. As mulheres também lhes pagavam tributos porque temiam a raiva divina e a retribuição, caso não o fizessem. (BOLEN, 1990, p. 32).

Ainda de acordo com Jung (2000) os arquétipos seriam idênticos em todos os seres humanos – imagens universais que existem desde os tempos mais remotos. Eles sobreviveriam, portanto, em uma parte mais profunda do inconsciente que não tem sua origem em experiências ou aquisições próprias de cada um: o inconsciente coletivo. (citado por CAMPBELL, 1989).

Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder - para ele - a um acontecimento anímico; isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc, não são de modo algum alegorias destas, experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção - isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza. (JUNG, 2000, p. 17).

Essas imagens são muitas vezes associadas aos ciclos naturais: concepção, gestação, nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento, morte. Para Mendes (2000), os mitos, que trazem várias manifestações arquetípicas, desde sempre vêm falando sobre o relacionamento entre as pessoas, entre o indivíduo e a sociedade, entre a sociedade e a natureza.

Campbell, por exemplo, percebeu que os mitos dos índios americanos continham os mesmos motivos da tradição bíblica. Ele interessou-se pelas lendas mitológicas de diferentes povos, e, ao estudá-las, descobriu que em todas elas surgiam os mesmos temas: criação do mundo, dilúvio, nascimento virginal do herói salvador, que morre e ressuscita, além de outros, adaptados à cultura específica de cada um. Para o mitólogo, os temas seriam “metáforas da potencialidade espiritual do ser humano” (CAMPBELL, 1990, p. 24, citado por MENDES, 2000, p. 28).

Por outro lado, se pensarmos por uma ótica culturalista, os significados das representações simbólicas são plurais e culturalmente variáveis. Isso porque o universo simbólico de cada povo é constantemente representado, reescrito e reinterpretado, o que o torna aberto a novas mudanças. O caso do arquétipo da princesa e suas evoluções ilustra bem esta ideia. Ele está, afinal, presente nos contos de fada, muitos deles com origem na tradição oral, narrados de geração em geração. As limitações da memória impunham sua simplificação, e, além disso, a liberdade criativa das pessoas influenciava nas histórias. “Quem conta um conto, acrescenta um ponto”, não é mesmo? Em outras palavras, elas passavam a ser uma criação coletiva.

Esta riqueza ficou reduzida quando os contos se fixaram na escrita, deixando de se adaptar à realidade. Seu uso ideológico, moral, refletia aspectos que a classe dominante burguesa gostaria de repassar aos filhos (MENDES, 2000). Rita Correia (2010, p. 4), pesquisadora de Portugal, reflete sobre a influência deste arquétipo para as mulheres: “Basta entrar numa secção de literatura infantil de uma livraria, numa loja de brinquedos, nos quartos de meninas e olhar em redor: surgem princesas que alimentam os sonhos, inscrevendo-se nalguns corpos e vigiando comportamentos e escolhas.”

Os filmes de animação de Walt Disney, mais tarde, inspirados por alguns destes contos, tiveram sua parcela de interferência no imaginário da princesa. O interessante é que, com o passar do tempo, as mulheres das telas, não mais meras reproduções, passaram a trilhar novos caminhos.

Karine Lopes (2015), em seu trabalho de conclusão de curso para Publicidade e Propaganda, analisou as princesas do estúdio divididas em três categorias, de acordo com o período de produção. Para a pesquisadora, cada um deles reservava características peculiares para suas protagonistas e trabalhava diferentemente a figura mítica da mulher. Branca de Neve, Cinderela e Aurora, princesas clássicas, não refletiam as mesmas composições que Jasmine e Mulan, princesas rebeldes, e novos elementos aparecem nas personagens Elsa e Tiana, consideradas então princesas contemporâneas.

As princesas rebeldes, por exemplo, deixavam o papel de mulher idealizada segundo o perfil “esposa-mãe-dona-de-casa” e iam contra as regras a elas impostas em busca do novo, da independência. Ariel, na obra, é diferente das outras sereias e cultivava uma curiosidade e paixão pelas coisas do mundo fora do mar, indo contra ordens do pai; Bela é tida como “garota estranha” em sua vila por gostar de ler e sonhar em conhecer o mundo, diferentemente das demais garotas que suspiram por Gastão, o bonitão, ao passo que Bela o despreza; Jasmine contraria o pai ao desprezar todos os pretendentes, ricos e poderosos, que a cortejam e, ao fugir do palácio querendo conhecer seu povo, se apaixona por um jovem ladrão, com quem, contra convenções, fica no final.

As princesas clássicas eram arquetipicamente expressadas pela Grande Mãe e pela Donzela – esta última bem característica da figura em si de princesa, se repetindo, posteriormente, até os tempos atuais. Estas princesas eram a “personificação” da beleza, delicadeza e feminilidade – todas elas, entretanto, idealizadas por e para homens. As princesas rebeldes, por sua vez, possuíam como principal característica a expressão do arquétipo do Andarilho, indo contra regras previamente impostas em busca do novo e se libertando do conformismo. A expressão arquetípica do Guerreiro-Herói também pode ser observada nesse grupo em atos de coragem, força e independência. A questão do amor verdadeiro também se mostra diferente pelas princesas rebeldes: a relação amorosa não acontece, simplesmente, em um primeiro olhar – ela é construída. Já as princesas contemporâneas também trazem a relação de primeiro amor reformulada: suas relações são de complementariedade e buscam cumplicidade. Algumas vezes, tal amor nem é romântico, mas fraterno. Essas princesas independentes, mostram incorporadas em seu estereótipo as conquistas e mudanças de comportamento das rebeldes. Entretanto, em busca do equilíbrio, tal estereótipo se mostra em constante transformação. (LOPES, 2015, p. 49).

Além das princesas, temos em nossas produções culturais diversas representações arquetípicas, que, como elas, produzem efeitos psíquicos em seus consumidores. A própria sociedade e suas mudanças influenciam essa cultura, que, na busca da representação da vida cotidiana, do real, acompanha essas mudanças. Em nosso papel de “ancestrais” do porvir, devemos assumir a responsabilidade sobre os retratos que tecemos, e, por consequência, sobre como se verão refletidas as pessoas e quais serão as suas referências simbólicas.

5. Jornalismo: uma tecnologia do imaginário

Desde a década de 50, impulsionado pelo estilo corrente da imprensa norte-americana desde a época da Segunda Guerra Mundial, o jornalismo brasileiro se manteve com certos hábitos. A busca pelo lead e pela pirâmide invertida, adequados ao contexto de guerra – onde a comunicação pedia as informações mais importantes antes que a conexão fosse, possivelmente, cortada – tornaram-se rotineiros. Enquanto os escritores europeus tinham

permissão para darem voz às interpretações e opiniões, os das terras tupiniquins seguiram recorrendo sempre a figura do especialista para tal (BELO, 2006). Estreitando ainda mais a camisa de força, eles também deveriam buscar por conceitos absolutos como imparcialidade e objetividade, que, se trazidos literalmente, ignoram a complexidade humana e suas manifestações emocionais do mundo imaginário. Mesmo em seu papel mitológico de contadores de histórias, em meio a deadlines rigorosas, trariam relatos desprendidos de qualquer atração, de qualquer força, de qualquer encanto. Contariam seus relatos como quem conta que comeu ovos no café da manhã. E estou falando de escritores que, tão logo fora do ofício de ganha-pão, produziam grandes obras literárias! Gente como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, Rubem Braga, Lima Barreto, dentre outros. Porém, ali, com as energias embotadas pelo *modus operandi* das redações, deixariam de lado seu potencial.

Para Juremir Machado, escritor e estudioso, o jornalismo não é uma ciência ou uma forma específica de conhecimento da realidade:

O jornalista é um narrador, cuja a missão importantíssima é tentar contar as histórias que acontecem todos os dias, interpretar essas histórias e opinar sobre elas. Claro, a gente até faz isso. Uns descrevem, outros opinam, uns descrevem e opinam, tudo isso a gente sabe do jornalista, mas não é uma forma específica de conhecimento, é uma forma narrativa e, claro que sim, em muitos momentos a gente descreve a realidade sem dó nem piedade. Eu não tenho dúvida disso. (2018, p. 8).

Se o imaginário compreende todas as imagens, afetos, emoções, pulsões, subjetividades e trajetórias existenciais, ele é maior e mais holístico, completo como ambiente a ser perscrutado, do que quando se opõe à realidade, como para Sartre. Na visão do sociólogo Michel Maffesoli (2001), todos os filmes de cinema, as obras esculturais e pictóricas (sejam abstratas ou não) são resultado do imaginário, por exemplo. De acordo com ele, essas manifestações seriam geradas pela forma particular de pensar de um povo. Se falarmos em catarinenses, há um imaginário destas pessoas, pelas experiências em comum, que “inventa” uma forma de pensar a arte, o lazer, a decoração das casas, etc. É seguro presumir que assim o seja com uma redação jornalística ou até com uma pessoa, e, portanto, que ambos tenham sua carga própria de referências na hora de construir em cima do real.

De uma forma, até certo ponto equivocada, defende-se no jornalismo a obtenção de uma abordagem eminentemente técnica no tratamento dos fatos e notícias, no qual precisariam ficar bem caracterizados os limites entre o profissional e o pessoal. Só que por mais que se queira e se faça a defesa de que os jornalistas precisam ser bastante profissionais o tempo todo, aspectos de nossa psique – muito bem definidos e estudados por Jung – estão presentes a todo o momento naquilo que produzimos, enquanto profissionais de imprensa. Não há como deixar o *Eu* fora deste processo. Quando escrevemos uma notícia, mesmo que seja estrita – e restringindo-nos a

obedecer ao modelo do lide (informações principais e dados primários da notícia), resultando em textos aparentemente despersonalizados e excessivamente padronizados, estamos colocando ali um pouco do nosso *Eu*. Assim, devemos entender por *Eu* uma essência pessoal muito forte em valores e experiências registradas. Crenças e modos de pensar e ver o mundo, a realidade. Como também um modo muito próprio de usar a imaginação. (SILVA, 2006, p. 6).

Quando nos perguntarmos se o jornalismo pode ser uma ciência exata, objetiva, imparcial e que reproduz a verdade – os fatos em si mesmos – vale lembrar que a própria realidade é uma interpretação que fazemos do que existe no mundo. A tecnologia torna ainda mais necessária esta conversa. Afinal, a nossa época é para alguns a época da sociedade de mídia, profundamente tecnologizada, o que interfere em nossas percepções. Juremir Machado (2018, p.6) opina que o imaginário, que talvez fosse muito mais autoproduzido, espontâneo, hoje é cada vez mais induzido pelo o que ele chama de “tecnologias do imaginário”, que vão “da Publicidade ao Cinema, passando pelo Rádio, pela Televisão e todas as mídias que ajudam a alimentar a nossa esfera simbólica.” Isso significa que, quando falamos em tecnologias do imaginário, falamos também em Jornalismo. Em outras palavras, os personagens e reconstruções que são trazidos com os trabalhos na área jornalística são mais do que meros referentes crús, eles sugestionam certa forma de pensar, certos padrões, percepções, emoções. E o resultado, em termos de imaginário, não se dá só a partir do que emitimos:

Em todo ato comunicativo, o emissor transmite parte do seu conteúdo de forma explícita, parte de forma implícita. [...] Mas o destinatário acrescenta e recria a partir de suas próprias perspectivas. Há em todo ato comunicativo, uma confrontação entre a estrutura de sentido produzida pelo emissor em sua manifestação e os modelos de mundo que o leitor traz consigo. (MOTTA, 2003, p. 8 *apud* MAIA, 2012, p. 6).

Ainda sob o ponto de vista do emissor, existe um movimento imaginal criativo que não se extingue no exercício da profissão. Por mais que exista este “mito”, os jornalistas não se despedem de todo o seu background sócio-histórico-cultural produzindo, nem se mantêm imunes ao complexo de forças cotidianas. Em síntese, como outras manifestações, os arquétipos invadem relatos e produzem sentidos inesperados (MAIA, 2011).

Em relação ao papel desses arquétipos dentro da narrativa, é possível dizer que eles tornam a leitura mais atraente. Um exemplo bastante perceptível é o da reportagem “A floresta das parteiras”, que trata de mulheres que realizam partos normais no Amapá. A autora, Eliane Brum (2010), já inicia o texto com descrições poéticas, imaginativas: “O país pouco as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, para a música de suas cantigas. Muitas não conhecem as letras do alfabeto, mas são capazes de ler a mata, os rios e o céu.” No

texto se encontram manifestações de arquétipos como o da sábia, da mãe e da curandeira, mas, principalmente, da sacerdotisa, o mais recorrente (CIECELSKI, SOSTER, 2017).

Encarapitadas em barcos ou tateando caminhos com os pés, a índia Dorica, a cabocla Jovelina e a quilombola Rossilda são guias de uma viagem por mistérios antigos. Cruzam com Tereza e as parteiras indígenas do Oiapoque, onde já começou o Brasil. Unem-se todas pela trama de nascimentos inscritos na palma da mão. "Pegar menino é ter paciência", recita a caripuna Maria dos Santos Maciel, a Dorica, a mais velha parteira do Amapá. Aos 96 anos, mais de 2 mil índios conheceram o mundo pelas suas mãos pequenas, quase infantis. Dorica - avó, mãe, madrinha - nem mesmo gostaria de possuir o "dom". "O dom é assim, nasce com a gente. E não se pode dizer não", explica. "Parteira não tem escolha, é chamada nas horas mortas da noite para povoar o mundo". (BRUM, 2010).

A narrativa, com traços arquetípicos, dá uma importância maior, mágica, quase mitológica ao que essas mulheres fazem. Tal qual a Deusa arcaica, que possuía poder sobre a vida e a morte porque tudo o que existe teria sido gerado em seu ventre, a parteira precisa atender ao seu dom e "povoar o mundo". A caracterização pode ter sido tanto planejada quanto simplesmente uma epifania da figura presente no inconsciente coletivo tanto da jornalista quanto das parteiras.

Outro exemplo, talvez menos óbvio em primeiro momento, é o de Diana Spencer, Princesa de Gales, que em sua vida e morte foi um atrativo para a mídia e o mundo. Para Margaret Mark e Carol S. Pearson (2001), autoras do livro *O Herói e o Fora da Lei*, que trata de como construir marcas através de arquétipos, a história de Diana gira em torno do tema da princesa-amante. "Caso essa unidade arquetípica essencial estivesse ausente, Diana não teria capturado nossa atenção tão profundamente" (MARK; PEARSON, 2001, p. 16).

O caso da princesa também mostra uma evolução desta história arquetípica que muito cativou as pessoas. No caso dela, o que acontece quando a moça se casa com o Príncipe Encantado, mas não vive feliz para todo o sempre? Trabalhar estas representações e significados, sem perder de vista a pessoa real, é um dos muitos ofícios que ficam incumbidos ao bom jornalista na hora de montar seus retratos do mundo.

Outro caso, muito conhecido e com repercussão distinta, é o de Fabiane Maria de Jesus. A repórter Juliana Carpanez (2018), da Folha de São Paulo, detalhou anos depois esta história. Uma página na internet chamada *Guarujá Alerta* publicou informações sobre determinada mulher que estaria, supostamente na região, sequestrando crianças para realizar magia negra. A personagem intuitivamente relacionável com a situação é a bruxa/madrasta, que representa, sob certo ponto de vista, uma faceta destrutiva do arquétipo da Grande Mãe (MOURÃO, 2014). A notícia, que não passava de um boato, gerou consequências bastante graves: Fabiane foi linchada por vários moradores. Embora seja um caso de *fake news*, o

acontecido reforça a sensatez necessária com a suscitação de certos arquétipos na caracterização de pessoas reais.

Demonstrada a importância deste assunto para a área, este artigo se propõe a investigar arquétipos dentro do jornalismo catarinense. Devido ao interesse da pesquisadora, se debruçará especialmente sobre as mulheres. Isto porque, apesar de estas se identificarem com arquétipos que refletem a natureza humana, independente de gênero, possuem vivências – como a natureza instintiva mal gerida no sistema patriarcal, a maternidade e a redução do espaço social por muitos séculos – que são só delas.

6. Os pilares: arquétipos-base para a análise

Como já foi explicitado na metodologia, serão os arquétipos das autoras Margaret Mark e Carol S. Pearson (2011), com o complemento de alguns tipicamente associados ao gênero feminino, que farão os pilares da análise que segue. É importante que eles sejam esclarecidos, então, em suas funções e peculiaridades:

6.1 Criador(a)

Sua função primordial é criar algo novo, e, por isso, inspira as pessoas a fazerem o mesmo. Na vida real, pode ser identificado no artista, no escritor, no sonhador, no empresário, naquele que inova, bem como representado em qualquer atividade que utilize a imaginação humana. O arquétipo do criador, ou da criadora, no caso do gênero feminino, dá vazão à personas criativas, como Afrodite, deusa grega do amor e da beleza, mas é ainda mais evidente em deuses que de fato criam a vida, estruturas que a deem suporte ou outras manifestações grandiosas. É o caso de Jeová e do maior arquétipo feminino, o da Grande Deusa ou Grande Mãe.

Quando o arquétipo do Criador está ativo nos indivíduos, estes se sentem compelidos a criar ou inovar – caso contrário, sufocam. A autenticidade lhes parecerá extremamente essencial, pois é típico das grandes obras de arte e das invenções que mudam a sociedade emergir das profundezas da alma ou da curiosidade desenfreada de alguém que é, de muitos modos, um pioneiro cultural. Na verdade, é assim que os artistas costumam se ver, pioneiros criando o mundo do futuro. Eles podem ser pessimistas em relação à cultura como um todo, mas confiam no professo criativo e acreditam no poder da imaginação (MARK; PEARSON, p. 236, 2003)

6.2 A Grande Deusa/A Grande Mãe

É justo que, ainda que criadora, ela tenha um lugar só seu. Isto porque, além de gerar frutos, a Grande Deusa tem como função arquetípica nutrir e proteger. Além disso, foi a primeira entidade divina cultuada pela humanidade, ficando assim fortemente registrada nos labirintos do inconsciente como ancestral de todos os mitos que representam as mulheres. A harmonia com a natureza fazia parte de seu eu intrínseco, porque tudo constituía o corpo da Deusa: a água, o fogo, a terra, o ar, os astros celestes e a vida dos animais de todas as espécies. O ser humano arcaico percebeu nos fenômenos naturais a capacidade de gerar e destruir, característica fortemente atribuída à ela, como senhora da vida e da morte – mãe que poderia ser boa ou terrível (RIBEIRO, 2008). Para Bolen(1990), analista junguiana, todas as deusas gregas derivam da Deusa arcaica, ainda que com modificações por estarem então em um sistema patriarcal.

Excetuando-se a evolução científica promovida pelo racionalismo platônico, a humanidade ainda vive a depressão das significativas perdas promovidas pelo desaparecimento da Deusa, especialmente da Grande Mãe imanente que fora substituída, gradual e lentamente, pelo Grande Pai transcendental, cuja superioridade submeteu a sacralidade do Feminino à insignificância absoluta ao transferir o culto da terra para o céu. A civilização patriarcal subverteu a essência metafísica do Feminino em todas as situações da vida ao separar o corpo do espírito, a matéria da alma e ao degradar o eros feminino. (RIBEIRO, 2008, p. 106).

Personagens que abraçam este papel são Gaia, a Mãe Terra da mitologia grega, sua filha Deméter, que nutria o espírito e o corpo, através dos cereais, e Maria, mãe de Jesus no cristianismo (embora esta última, como Grande Mãe, seja virgem, o que pode ser interpretado como perda de complexidade). Como criadora, a Grande Mãe dá forma às visões, cria culturas. Sua armadilha pode estar no perfeccionismo, na criação equivocada e na parte destrutiva de seu ser.

6.3 Prestativo(a)

Como o arquétipo do criador, este se dedica também a dar estrutura ao mundo. Mas de um jeito diferente: sua função é ajudar os outros. A figura do prestativo é portanto altruísta, movida pela compaixão e generosidade. Ela teme a instabilidade e a dificuldade, não tanto por si, mas pelos impactos sobre menos afortunados ou resilientes. Esta já foi uma imagem muito associada aos papéis sociais sobre os quais entendiam-se relacionadas as mulheres. Nesta visão,

elas seriam mais zelosas por natureza, seja com as crianças, com o jardim, com a casa ou com doentes e idosos. Porém, com o questionamento do gênero como pressuposto social, colocado em cima de indivíduos a partir de seu sexo biológico, têm-se diversificado personagens ligados à motivação de ajudar os outros.

Algumas mulheres reais que traduziam o arquétipo foram a Madre Teresa de Calcutá e a Princesa Diana. Várias princesas dos Contos de Fadas exibem traços do prestativo, como a Bela de A Bela e a Fera, que casa com a Fera para proteger o pai. No cenário contemporâneo, pessoas altamente impelidas por esta motivação não querem ser mártires, e impõem limites quando tratadas com desrespeito. Existe, em seu lugar, uma preocupação mais equilibrada: dar e receber, cuidar e ser cuidado. A armadilha está exatamente na culpa que o arquétipo pode despertar, na possibilidade de abandonar este equilíbrio em nome de outros ou de ser enganado(a). A tensão de apoiar sem sufocar está presente, um conflito que a Grande Mãe também pode viver.

6.4 Governante

A responsável pela manutenção da ordem cósmica e social, na mitologia egípcia, era a deusa Maat. Ela era oposta à deusa Isfet, representante do caos. Nas histórias nórdicas, Hela era a governante do mundo inferior, Helheim. O website Caçadores de Lendas (2014) traz que Amaterasu, a principal divindade xintoísta, comanda os céus para aqueles que acreditam nela - já que o xintoísmo ainda é professado hoje -. Conquistar e manter o poder é função básica do governante, e é, portanto, o que este arquétipo mais motiva nas pessoas. Representantes desta figura querem evitar o caos, mas não acreditam – como é o caso do Inocente, que será explanado abaixo – que outros o irão proteger. É verdade que muito foram desincentivadas as mulheres em papéis de influência, controle e autoridade ao longo da história, mas elas ainda os desempenharam mais vezes do que ouvimos falar. Chefes, líderes, aristocratas, cidadãs exemplares, gerentes ou administradoras se enquadram nesta figura.

As rainhas, dentro das imagens femininas, são uma clássica personificação de governante, especialmente quando se tornam um exemplo para a comunidade. Modelos históricos são inúmeros: Cleópatra, Rainha Mary Stuart, da Escócia, Enheduanna, alta sacerdotisa de Ur, que trabalhou para a unificação de várias cidades-estados da Suméria (BROWN, 2018). É comum que faça parte do cerne desta figura a vontade de não só desempenhar um papel de poder, mas de transmitir confiança para tal – através de status, imagem, prestígio -, e, assim, mantê-lo. Evidentemente, as governantes do gênero feminino,

dependendo de seu contexto, enfrentaram dificuldades, como a descrença de sua capacidade no poder. Sua maior armadilha é o autoritarismo.

6.5 Bobo da Corte/Humorista

A maior função do Bobo é ajudar as pessoas a se divertirem. Ele deseja viver no momento presente, um dia de cada vez, deixando de lado preocupações mesquinhas. É também muito espontâneo, aproximando-se do espírito das crianças.

Enquanto o Cara Comum e o Amante exercem a autocensura para se encaixarem ou atraírem os outros, o Bobo da Corte se solta irrestritamente, demonstrando uma fé inquebrantável no fato de que uma pessoa pode ser realmente ela mesma e ainda assim ser aceita e mesmo adorada pelos outros. (MARK; PEARSON, 2001, p. 204) .

No Brasil, as comediantes Clarisse Falcão e Tatá Werneck são referências que fazem lembrar este arquétipo. Dercy Gonçalves, atriz, cantora e humorista, também ficou bastante conhecida no país por suas entrevistas irreverentes, bom humor e emprego de palavrões. Uma característica do Bobo é exatamente não ter medo de falar sobre a realidade, e, inclusive, ser válvula de escape para o que acontece no mundo. Sátiras sociais estão relacionadas a este arquétipo, bem como a comédia cotidiana que faz rir por aquilo que, em outra situação, se poderia chorar. Além de humoristas, palhaças, travessas, escritoras de peças de comédia e roteiristas de séries satíricas integram este rol. Seu problema maior pode ser a irresponsabilidade e a possibilidade de “desperdiçar a vida”.

6.6 O(a) amante

Um arquétipo facilmente reconhecível. Se faria sentido equiparar Afrodite com a Deusa Mãe, ela é a própria amante, o aspecto sensual e alquímico da primeira. Afinal, Afrodite é a figura que, por excelência, ajuda as pessoas a encontrarem e expressarem amor. De acordo com Jean Shinoda Bolen:

O desejo de conhecer e de ser conhecido é o que gera Afrodite. Se esse desejo conduz à intimidade física, a impregnação e a nova vida podem se fazer. Se a união for também de mente, coração ou espírito, o novo crescimento ocorre em esferas psicológicas, emocionais ou espirituais. (1990, p. 178).

A consciência de Afrodite é enfocada e, contudo, receptiva, uma característica que a torna “deusa alquímica”, e assim são os amantes. Esse traço pode ser percebido também em certas atividades, como na criação artística (BOLEN, 1990). Embora o amor romântico seja muito importante para este motivo, o arquétipo do amante perpassa todos os tipos de amor humano. Como eros também é prazer, a vida, para muitos, se torna mais enriquecida com a suscitação da Deusa do Amor.

Fazer de tudo para agradar aos outros e perder a própria identidade é o maior risco trazido pelo amante. Na versão original de Cinderela, suas irmãs estão dispostas a cortar os dedos do pé para calçarem o sapatinho de cristal. Parece um ato extremo, mas não está tão longe das cirurgias plásticas contemporâneas.

6.7 Cara/ Garota Comum

Um cara comum, ou uma garota comum, permite que as pessoas se sintam bem assim como são, e não precisem se destacar para ter valor-próprio. Este arquétipo não costuma gostar de artificialismo e pessoas que se dão ares de importância.

Quando o arquétipo do Cara Comum está ativo em uma pessoa, ela usará roupas típicas da classe trabalhadora ou outros trajes comuns (mesmo que tenha bastante dinheiro), falará de modo coloquial e detestará todo tipo de elitismo. O valor subjacente é que todos são importantes, tais como são. Seu credo é que as coisas boas da vida pertencem a todos como direito de nascença, não apenas a uma aristocracia ou mesmo a uma meritocracia (MARK; PEARSON, 2001, p. 172).

É o arquétipo da democracia, daquelas que lutam por direitos iguais. A mulher comum deseja, principalmente, conectar-se com as outras pessoas. Palavras como “sororidade” e “direitos humanos” remetem à ela. Se as protagonistas de filmes de romance direcionados às adolescentes tivessem seus defeitos e problemas ocultos e não expressassem preocupações típicas, deixariam de remeter à garota comum, e, portanto, gerar identificação com quem estivesse em frente à tela. Reportagens sobre mulheres de sucesso às vezes revelam suas neuroses, medos e dificuldades. Assim, os outros lembram de que, por baixo de todo o brilho, as estrelas são como eu e você. A armadilha da figura é abrir mão de si mesma para se mesclar, em troca de uma conexão superficial.

6.8 Inocente

Poliana mostrava aos outros personagens de seu livro como encarar as situações, inclusive desagradáveis, de uma forma mais positiva. Ela foi uma famosa inocente. A inocência não está só no início, mas em vários momentos da vida. Afinal, ela não é atribuída exclusivamente aos mais novos, mas a aqueles que querem viver no paraíso, na terra onde podemos ser quem somos. Para os inocentes, este lugar já é aqui. Sua função arquetípica é manter ou renovar a fé a partir do que acreditam.

“Quando o arquétipo do inocente está ativo em uma pessoa, ela é atraída para a certeza, para ideias positivas e esperançosas, para imagens simples e nostálgicas, para a promessa de resgate e redenção (MARK; PEARSON, 2001, p. 75)”. O inocente também luta pela sua moral, se apoia em princípios. Se uma organização, um produto ou alguém se baseia em valores em que ele acredite, mesmo não sendo dominante na sociedade, ele a apoiará. É comum que protagonistas jovens tenham atributos do inocente em muitas histórias, como é o caso do arquétipo da donzela.

6.9 Donzela/Core

Sua essência é a da “jovem anônima”. De acordo com Bolen (1990), a função arquetípica da Donzela é a de ser receptiva. Ela representa a mulher ainda nova que não descobriu quem é, ainda está inconsciente de seus desejos e forças. Na mitologia grega, é a personagem Perséfone, filha de Deméter, que é raptada por Hades e acaba se tornando rainha do mundo inferior. Temos então que seu lado de donzela é o de “antes” de assumir o novo mundo e sua função nele.

A menina eterna, juvenzinha ou donzela está em muitas narrativas. Quando a única coisa que se esperava das meninas é que fossem encantadoras e atrativas, personagens como a filha de Deméter foram modelos a serem seguidos. A vida não a machucou, sua sexualidade também não foi despertada. Viver como Donzela, porém, significaria “não se comprometer com nada nem ninguém, porque fazer uma escolha definida elimina outras possibilidades (BOLEN, 1990, p. 171)”. Usualmente bela, maleável, brincalhona, despreocupada, a juvenzinha também pode ser vista em personagens como Wendy, antes de decidir-se por crescer (o que é bastante simbólico) e nas princesas clássicas.

6.10 Princesa Clássica

Além de ser uma jovem mulher, a princesa clássica tem uma característica de fácil identificação: o amor romântico apresenta-se como seu ideal de felicidade. Na linha de Jung (CORREIA, 2010), a princesa é uma donzela que pretende iniciar a vida amorosa, sexual e constituir família encontrando a figura do Príncipe Encantado. A falta de independência pode ser sua maior armadilha.

6.11 Explorador(a)

O arquétipo do andarilho, ou explorador, ajuda as pessoas a manterem, como ele(a), a sua independência. As montanhas, a estrada, o céu estrelado, os barcos e os produtos de lugares exóticos atraem este motivo. Em um trecho da animação *Steven Universe*, disponível no canal Cartoon Network (Youtube), a personagem Ruby deseja aventurar-se após ter problemas em seu relacionamento. Ao ser questionada sobre se não iria se perder sem um mapa, ela diz: “Já estou perdida, é por isso que vim aqui para fora. Para me encontrar” (2018, tradução nossa).

Quase todas as pessoas passaram por algum momento na vida em que tiveram medo de que, se fossem fiéis a si mesmas, perderiam o apoio de alguém a quem davam importância. À medida que crescemos, somente descobrimos nossa individualidade quando nossas verdadeiras tendências se chocam com a dos pais, professores e colegas. Para perceber como é essa sensação, basta você recordar algum momento em que enfrentou seu pai, sua mãe, um professor ou patrão, e como aquele enfrentamento lhe pareceu essencial, mesmo que o outro tenha visto você como um oponente. Ou então recordar um momento em que você se afastou de algo para salvar a sua alma, e quanta coragem precisou ter para agir assim. Você também poderia aproveitar a lembrança de estar no alto de uma montanha ou de um arranha-céu, contemplando o horizonte infinito ou o céu noturno e sentindo uma complicada mistura de assombro reverente, alegria e solidão – um sentimento quintessencial do Explorador. (MARK, PEARSON, 2001, p. 89).

As princesas rebeldes, citadas acima em *Os ancestrais do porvir: modelos arquetípicos para o futuro* também possuem traços do Explorador. Sua maior armadilha é vagar sem meta, tornar-se uma pessoa “desajustada”.

6.12 O(a) sábio(a)

Ela aparece à janela da prisão com uma sábia instrução de como escapar dali. Em segredo, ela dá à heroína um anel mágico, um espelho ou frasco com lágrimas, para

usar como proteção. Ela murmura palavras enigmáticas que a heroína precisará estudar e interpretar para acabar encontrando seu caminho. Os príncipes são bons. Os príncipes podem ser excelentes. Mas, com frequência, é a velha que tem algo de realmente bom a dar. (ESTÉS, 2007, p. 18).

A imagem da sábia está intimamente ligada à da “velha” ou “avó”, sendo associada por Clarissa Pinkola Estés (2007), psicanalista, à Grande Mãe. Enquanto Mark e Pearson (2001) destacam que a função do arquétipo é ajudar os outros a compreenderem o mundo em que vivem – por isso, por si só, muitas vezes a própria personagem é especial -, Estés afirma que a tarefa da sábia é viver a vida plenamente, e, deste modo, inspirar os outros a fazerem o mesmo. Duas visões que não necessariamente se excluem. Afinal, é possível procurar compreender o mundo e/ou viver plenamente e ter sua sapiência reconhecida em qualquer um dos casos.

A Avó Tala, parente da personagem Moana, da Disney, chega a estar nestes dois lugares em uma cena da animação. Em um excerto disponível no canal Walt Disney Studios BR (Youtube), é possível observar que a neta se mostra insatisfeita com seu futuro e espera que Tala a impeça de aceitar os planos do pai. A avó, porém, não lhe dá respostas prontas e continua dançando com algumas arraias no mar. Quando Moana pergunta a ela: “Por que você está agindo esquisito?” a resposta é “Toda vila tem uma louca. Essa é a minha função”. A jovem então replica: “Se tem alguma coisa pra me dizer, é só dizer.” Tala, com seu entendimento da situação, a questiona: “Ou você que quer escutar? (2016)”

Oprah Winfrey, reconhecidíssima nos Estados Unidos pelo programa de entrevistas, também pode ser considerada um exemplo da figura da sábia. Professores, filósofos, pesquisadores e pensadores expressam este arquétipo. Sua maior armadilha é a de deixar de agir, prender-se aos estudos teóricos e não conhecer o livro do mundo.

6.13 Mago/Feiticeira

Um bom mago influi em transformações. Arquétipicamente, o xamã, a curandeira, a feiticeira, o alquimista e outras representações desta finalidade estão presentes a séculos. Modelos são encontrados, por exemplo, em Harry Potter, que fez um enorme sucesso com seus bruxos e bruxas. As parteiras, curandeiras e sacerdotisas da reportagem “A floresta das parteiras” também se relacionam com o arquétipo, bem como as fadas.

Como já foi comentado anteriormente no artigo, a feiticeira, no feminino, é uma figura associável com o lado destrutivo da Grande Mãe. Ela mistura em seu caldeirão práticas e saberes à margem das instituições dominantes de sua época, como a igreja, e tem em certo

viés, portanto, uma conotação negativa. “Trata-se de uma imagem construída por diferentes discursos, um romântico, propagado ao longo do século XIX, e um eclesiástico, expresso nos enunciados seculares da cristandade contra arcaicas práticas pagãs (ZORDAN, 2005, p. 331).” De acordo com a pesquisadora Paola Zordan (2005), o primeiro foi estruturado pelo historiador Jules Michelet e a transforma em mártir, também enaltecendo suas qualidades silvestres e sua ligação com os gênios da natureza. Já o do manual dos inquisidores do século XIV, o *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras), é o que coloca a bruxa em pior posição, a de aliada do Mal, geralmente na figura de Satanás. Em ambas as visões ela é capaz de causar mudanças e poderosa, tendo uma ligação com a sexualidade. A armadilha, para o arquétipo do mago, é a de tornar-se manipulador.

6.14 Mulher Selvagem

Mesmo as damas de ‘boa conduta’ eram, na visão do clero, suscetíveis aos cortejos infernais, por mulheres serem mais facilmente seduzidas pelo pecado. O pecado, neste caso, seria a luxúria, o desejo sexual semeador do pecado original (ZORDAN, 2005). Esta visão injusta e repressiva muito prejudicou as mulheres. A caça às bruxas, uma das consequências, durou mais de 300 anos. Por afetar várias gerações, provavelmente introjetou-se em nosso inconsciente coletivo. Outras práticas, como tratar a mulher como propriedade em âmbito jurídico, tirando historicamente a autonomia dela sobre o próprio corpo, reprimiu seu lado instintivo. Para Clarissa Pinkola Estés (2018), o arquétipo da Mulher Selvagem expressa esta função, tão natural quanto basilar para um psíquico saudável. Clarissa Pinkola Estés comenta, em seu livro, que o conceito se concretizou enquanto a psicanalista estudava uma espécie não-humana:

Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis têm certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e têm grande preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Têm experiência em se adaptar a circunstâncias em constante mutação. Têm uma determinação feroz e extrema coragem. No entanto, as duas espécies foram perseguidas e acossadas, sendo-lhes falsamente atribuído o fato de serem trapaceiros e vorazes, excessivamente agressivos e de terem menor valor que seus detratores. (ESTÉS, 2018, p. 16).

Podemos perceber a Mulher Selvagem em Ártemis, deusa grega que escolhe viver somente entre mulheres na floresta ao invés de entrar para a sociedade. Outra personagem

associável é Lilith, primeira mulher de Adão, que se recusa a ser dominada por ele e parte (sendo posteriormente demonizada).

6.15 Mulher fatal

De acordo com o folheto da exposição chamada *Perversidad: Mujeres Fatales em el arte moderno* (2019), realizada em Málaga, cidade espanhola, o arquétipo da *Femme Fatale* surgiu na literatura e nas artes do final do século XIX. Sua imagem foi uma reação à progressiva reivindicação das mulheres por uma mudança em seu papel na cultura. Procurando ocupar o espaço social, por muito tempo considerado masculino, elas tinham aspirações de liberdade e independência. O modelo surgiu então como resposta a estas mulheres reais, incorporando, mais uma vez, uma visão sexualizada do feminino. A *Femme Fatale* é cativadora e perversa, uma encarnação do pecado (como a bruxa na visão da igreja) ou até mesmo da morte.

A função do arquétipo é atrair suas vítimas, e, através da sedução/manipulação, obter algo que elas não dariam livremente. Ela é magnética e fatal para quem a encontra, e, às vezes, para si mesma.

Imagens relacionadas à Grande Deusa, como a cobra, aparecem nesta visão na companhia de algumas mulheres. Podemos aqui elencar personagens possivelmente associadas com a *Femme Fatale*: a sereia, a prostituta, as mulheres retratadas como fatais da Belle Époque, bem como aquelas que de fato manipulem seus parceiros. Curiosamente, o museu Carmen Thyssen, que realizou a exposição, também explorou as representações que vieram após a Mulher Fatal. Em seu folheto estão os dizeres:

Do eterno feminino à nova mulher, esta exposição percorre mais de meio século de imagens protagonizadas por mulheres, em um período, entre o final do século XIX e a metade do XX, em que sua representação na arte mostrará, como reflexo das realidades sociais contemporâneas, uma mudança de paradigma. O ponto de vista exclusivamente masculino e misógino enfrentará o questionamento proposto pela visão feminina sobre sua própria identidade. De sujeitos passivos e sexualizados, as mulheres se converteram em referentes de emancipação e liberdade. (2019, p. 3, tradução nossa).

Sua natureza pode ser considerada, por alguns, uma oposição reducionista da donzela ingênua e bondosa.

6.16 O herói/A heroína-guerreira

Um herói é corajoso, e, através de suas ações, prova o valor que possui. Quem tem qualidades como estas está sendo inspirado pelo arquétipo, que não é tão incomum para o gênero feminino quanto se possa imaginar em primeiro momento. Os romanos, que pensavam em mulheres como mães e objetos sexuais, ficaram abismados com as guerreiras celtas, que lutavam ao lado de seus homens (RIBAS, 2017). A deusa grega da sabedoria, Atenas, identificava-se com os homens como iguais e participava de batalhas ou as supervisionava, calma e estrategicamente. A personagem fictícia Mulan, na versão da Disney, se travestiu de homem, foi à guerra contra os Hunos e matou o comandante inimigo. Na História, temos Joana D'Arc, que, também vestida conforme os guerreiros da época, batalhou, obtendo importantes conquistas – e acabou queimada viva em uma fogueira -. Por fim, a lenda das Amazonas traz outro exemplo da mulher guerreira, com sua própria estrutura social. Hoje, mesmo assumindo seu gênero original e no mundo “dos homens” (patriarcal), as mulheres estão, em muitas culturas, mais à vontade para agirem como heroínas. De acordo com Randazzo (1996, p. 24), citado por Lopes (2015, p. 16):

Uma das conquistas realmente importantes do movimento feminista foi fazer com que as mulheres abandonassem os tradicionais “arquétipos femininos” para experimentar a vida na condição de Guerreiro e Andarilho. Ao mesmo tempo, ao ver mulheres em papéis não tradicionais, os homens sentiram-se encorajados a assumir o seu lado carinhoso e sensível, adotando arquétipos que até então eram associados exclusivamente com as mulheres.

A figura da heroína exhibe traços de independência, coragem e força. Sua maior armadilha é a arrogância e a necessidade de que haja sempre um inimigo.

6.17 Fora-da-lei/Revolucionária

O ato ocorreu no dia 5 de outubro de 1789, quando, encabeçadas pelas vendedoras de peixe de Paris, cerca de 7 mil mulheres, armadas de facões de cozinha, lanças rústicas (piques), machados e dois canhões, marcharam a Versalhes, sede da Corte Real e da Assembleia Nacional, para protestar contra a escassez e o preço do pão, arrastando atrás de si soldados da Guarda Nacional e outros homens. No dia seguinte, exasperadas com a crise de abastecimento e a atitude de Luís XVI, que vetava sistematicamente todos os decretos revolucionários da assembleia, as manifestantes pressionaram o Rei a abandonar o Palácio de Versalhes e o escoltaram à capital. (ARANTES, 2013)

Revolucionárias, musicistas que colocam em cheque o status quo, como Madonna, criminosas, como Bonnie, de Bonnie e Clyde, espãs, rockstars e ativistas executam a função de quebrar as regras que rege este motivo. “Quando a consciência do Fora-da-lei está presente, as pessoas têm uma percepção mais aguda dos limites que a civilização impõe à expressão humana” (MARK; PEARSON, 2001, p. 134), o que é bastante significativo e necessário. Quem está sob influência desta forma de agir procura destruir aquilo que não funciona, para si e para a sociedade. O lado sombrio da figura é bastante conhecido, podendo trazer comportamentos autodestrutivos ou ações que desdenham de forma pouco saudável padrões de ética, saúde ou propriedade.

7. Análise

Dentro dos 36 textos selecionados na revista, foram identificados arquétipos aos quais eram feitas alusões por meio de escolhas narrativas e de palavras. Três destas produções não aparecem nos resultados, duas delas por serem inconclusivas e uma por erro na disponibilização da matéria. A partir da soma das manifestações de cada uma das demais, podemos distinguir os motivos que apresentam-se mais e menos vezes. Em suma, é perceptível que as três maiores figuras a aparecer foram a **Feiticeira**, a **Sábria** e a **Revolucionária**, com 70, 66 e 63, respectivamente, insinuações de sua natureza. Em seguida, temos, em ordem decrescente: Criadora (59); Prestativa (50); Heroína (48); Governante (43); Grande Mãe (38); Inocente (31); Exploradora (24); Donzela (21); Mulher Comum (20); Bobo da Corte (15); Amante (11) e Mulher Selvagem (8).

7.1 Mago/Feiticeira

Mesmo que os dados surpreendam, é possível intuir sobre o papel importante da Feiticeira, especialmente em Santa Catarina, que tem a apelidada “Ilha da Magia”. Janaína Amado (2007), pesquisadora citada por Aluísio Lessa (2015, p. 2), confirma que esta ilha foi o local que mais recebeu degredados ou condenados ao exílio vindos de Portugal ao longo do século XVIII. O livro de Geraldo Pieroni “Vadios e ciganos, heréticos e bruxas: os degredados no Brasil-Colônia” dá uma ideia das pessoas que eram obrigadas a viverem no Brasil. Além das que eram acusadas de feitiçaria, retratadas também em uma das reportagens, tínhamos na cultura outras manifestações que podem ser relacionadas ao arquétipo: “[...] bem antes disso, os hábitos indígenas de práticas de curas com ervas, danças, cantos, preparos de poções à base

de barro e veneno de animais contribuíram para a construção desse universo mágico” (PRESTES, 2020, p. 31).

Neste sentido, também existem os costumes correlatáveis que vieram com os africanos. Assim, são várias as referências que podem habitar o imaginário catarinense. A pesquisadora Sônia Maluf teve ainda uma percepção das feiticeiras diferenciada ao examinar as lendas que apareciam na Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Para ela, uma das características da cristianização das lendas e cultos pagãos é a introdução da figura do diabo como protagonista dos rituais e pactos. E, nas narrativas que recolheu na década de 80, ela não aparecia. Isso a fez pensar que possivelmente seria uma vertente do imaginário pagão não cristianizada (PRESTES, 2020).

Além de estar presente historicamente na região, o arquétipo pode ter mais força por ter sido antes reprimido, como nos ensinam Mark e Pearson (2001). A visão eclesiástica, descrita antes na seção sobre os arquétipos-base para este estudo, aparece no início da reportagem “Acusadas.Torturadas.Expulsas. As bruxas condenadas ao Brasil”, com a figura de Satanás. Isto mostra seu apelo ainda persuasivo, especialmente em um país de maioria cristã, e pede cuidado com o uso da figura. Porém, majoritariamente, a abordagem adotada sobre a Feiticeira foi aberta, com muita atenção ao seu lado positivo ou até injustiçado. Ou seja, se antes a figura da bruxa foi torturada, degredada e associada ao Mal por excelência, hoje ela pode “continuar viva” para catarinenses como um símbolo de irreverência, empoderamento, domínio sobre a própria sexualidade, autonomia e até de relação com a natureza.

É importante lembrar que o arquétipo do Mago também se manifesta a partir de imagens mais simpáticas, como fadas e sacerdotisas. Em uma das produções analisadas, a benzedeira:

Os atendimentos vieram depois que os filhos já estavam criados. Os vizinhos procuravam a benzedeira para curar cobreiro, arca caída, dores na coluna e também para orações para mal olhado, para conseguir emprego, para deixar de beber e até para que a espinha de peixe espetada na garganta fosse eliminada. (PRESTES, 2020, p. 34).

Procurando conscientemente influir no mundo, as feiticeiras de Santa Catarina ressignificam percepções, como a aceitação sobre os cabelos brancos, que virou tendência entre as mulheres, influenciam através da produção de conteúdos e arte e envolvem-se com novas tecnologias. Além disso, procuram conhecimento para poderem continuar fazendo as coisas acontecerem.

7.2 Sábia

A Sábia é um arquétipo que, ocasionalmente, está relacionado à feiticeira. Se na figura da mulher madura, da anciã e da avó podemos ver inferências da Sábia, o mesmo se pode dizer da feiticeira, da fada e da curandeira. A primeira, porém, quer compreender o mundo em que vive ou, até mesmo, viver por inteiro, inspirando assim os outros (MARK; PEARSON, 2001). Nas mulheres brasileiras, é fácil perceber o apelo – de acordo com reportagem no G1, elas são as que têm mais anos esperados de escolaridade e maior média de anos de estudo, quando comparadas aos homens (2019) -. Os livros podem estar sendo encarados também como uma forma de garantir o próprio crescimento profissional, para que não dependam assim de terceiros, como aconteceu em décadas passadas. Neste sentido, podemos presumir que os emissores valorizam a educação para as mulheres, ao decidirem retratar estas narrativas, bem como características da Feiticeira ou da Revolucionária, que será analisada em seguida.

Como mães ou familiares, as sábias de Santa Catarina dão suporte aos mais jovens, como ocorre na reportagem especial em que a ex-professora auxilia a filha de oito anos (BASTOS, 2020). Também ocupam, tradicionalmente, muitos ofícios ligados à educação e despontam como pesquisadoras. Assim é Jaqueline Conceição, a qual, na matéria analisada, vai além de instruir-se e cria um curso de graduação e pós sobre a questão racial (LAURINDO, 2020). Por fim, aparecem abraçando comportamentos saudáveis, questionando padrões de beleza e comportamento e buscando a inteireza, como a atriz Fernanda Montenegro, que, após trabalhar em família para a produção da série “Amor e Sorte”, confessou para a revista dos jornais DC, AN e Santa: “Saímos mais completos diante da vida”(2020, p. 36).

7.3 Revolucionária

“Nenhum direito foi dado de graça às mulheres (Laurindo, 2020, p. 14)”, afirma a especialista Glaucia Assis. Essa frase relembra quão importante é, para elas, a Revolucionária. A fim de discorrer sobre esta imagem é necessário trazer novamente a estudiosa Jaqueline Conceição. O motivo de quebrar as regras, que está no cerne desta figura, aparece na inquietação despertada após a finalização do mestrado em Educação na PUC-SP. Não satisfeita com a pouca quantidade de intelectuais negros na formação teórica, mesmo para pesquisadores que trabalham com a temática racial, Jaqueline decidiu começar um projeto que ajudaria a escrever novas realidades, novas regras. Nas palavras da(o) repórter, “ela se coloca como voz

e cria espaço de fala para mulheres, negros, indígenas, pobres e marginalizados através da educação (LAURINDO, 2020, p. 34).”

A jornalista Clarissa Battistella (2020) traz outro destaque da Revolucionária na figura da Sargento Diana, mulher transexual na Polícia Militar do estado. Sua própria história é a de uma quebra do Status Quo. Isso porque, de acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 90% deles segue, infelizmente, na rua, apelando à prostituição como fonte de renda, e só 4% das mulheres transexuais tem trabalho formal no Brasil.

Desta forma, mais uma vez não aceitando certos padrões e comportamentos dominantes na cultura, dando voz a novas pessoas, fazendo história através de suas trajetórias, ganhando competições esportivas e destacando-se como pioneiras, as mulheres catarinenses incorporam a Revolucionária. A leitora, ao ter contato com estes modelos, pode, por exemplo, enxergar-se na esportista que venceu uma corrida, arquitetar planos não-convencionais para o futuro ou prestar atenção em suas necessidades e dos demais para além do que foi instruída.

As próprias Feiticeiras são também revolucionárias, porque não se encaixaram no padrão vigente sob a visão de uma instituição importante.

7.4 Outros arquétipos e percepções

A Criadora, que aparece principalmente em empreendedoras e artistas retratadas na revista, deve ser também levada em consideração, uma vez que está mais bem distribuída do que a Feiticeira, que se concentra em determinadas reportagens. Em sua função primordial de criar algo novo, ela é inspiração para Tainá Ficagna, de Concórdia, planejar sua confeitaria, para Blanche pensar nas metáforas com pássaros de seu disco, “Arias of Sky (LOPES, 2020)”, e Jaqueline criar a nova faculdade (LAURINDO, 2020). A Criadora pode ser pensada como uma Deusa da Criação simbólica, ainda que não incorpore as funções de nutridora e protetora da Grande Mãe, aspectos que parecem estar sendo menos valorizados atualmente. Em sua maioria, a última aparecia quando se tratando especificamente do Dia das Mães, mas também na aspiração de ter filhos de algumas jovens.

A Prestativa, que vem em seguida, despertou dúvidas. Cuidar dos outros, afinal, é uma incumbência muito mais em voga durante a atual pandemia causada pela COVID-19. É de se imaginar que, em outro momento, ela poderia aparecer em menor quantidade. Por isso, são necessários outros estudos para melhor entender sua influência sobre a imagem da mulher catarinense.

Quanto aos arquétipos menos presentes, é uma surpresa que a Mulher Fatal e a Princesa Clássica não tenham sido encontradas em qualquer uma das produções. Uma ironia que a Bruxa com certeza não deixaria passar. Ambas as imagens são inevitavelmente ligadas ao modelo patriarcal de sociedade e aos homens - uma para sedução e obtenção de algo que a vítima não daria livremente e outra para casamento -, o que reflete como estes modelos podem ter menos “encanto” do que a algumas décadas. A Donzela, apesar de manter sua presença, não é um arquétipo que, em sua função de receptividade, dá conta de abraçar a maior parte das personagens jovens retratadas. Elas estavam envolvidas com projetos, estudavam, criavam. Sua manifestação fazia mais sentido em situações de violência, quando se mostravam desamparadas, ou quando as personagens não eram exploradas tão profundamente e se tinha somente o aspecto da juventude para a análise.

A amante também não esteve tão presente, o que é de se admirar, porque na antiguidade a maior parte das deusas relacionadas a este aspecto era feminina. Isso pode nos dizer muito sobre como a cultura modifica as imagens predominantes.

8. Conclusão

Desde o início pretendeu-se, com este trabalho, identificar as imagens que predominam sobre a mulher catarinense através do Jornalismo como tecnologia do imaginário. A revista que une os periódicos *A Notícia*, *Jornal de Santa Catarina* e o *Diário Catarinense*, percebida como relevante no estado, foi utilizada como base, e seis meses de produção – maio a outubro de 2020 - analisados. A partir destes dados, dos autores estudados e das interpretações da pesquisadora, conclui-se que as imagens da Feiticeira, da Sábia e da Revolucionária são as que predominam sobre a mulher catarinense dentro do jornalismo. Além disso, a Criadora é outra que deve ser levada em consideração, por sua distribuição dentro de diferentes textos ser melhor que a da Feiticeira.

A influência maior destes tipos, bem como a falta ou pouca presença de arquétipos como a Princesa Clássica, Mulher Fatal, Donzela e Amante, historicamente tão relacionadas ao gênero feminino (especialmente no contexto patriarcal de sociedade), podem indicar uma valorização maior de outras características. A revista, como tecnologia que influi no imaginário catarinense e nas figuras que o permeiam, evoca arquétipos que incentivam a educação para as mulheres, sua busca de completude, as mudanças que elas próprias realizam, bem como a irem de encontro às regras ou estruturas que as limitam. O veículo abre possibilidades para aquelas que não querem casar ou ser mães como objetivo de vida, mas dedicar-se à ensinar, à carreira,

à arte ou a outro propósito. É claro, mulheres assim precisam existir para serem trazidas neste recorte, ou seja, elas próprias devem encontrar-se em maior variedade de papéis e motivações do que em momentos históricos recentes.

Para esta análise foi pensado um modelo de arquétipos-base que pudessem abarcar experiências universais, mas também alguns típicos das vivências psíquicas e sociais do gênero feminino. Muitas funções, quando manifestadas nas mulheres, ganham complexidade na medida em que são reprimidas, impedidas ou incentivadas por seu contexto, o que deve ser observado em estudos posteriores.

É certo que, ao menos para a pesquisadora, a revista traz muito bem o aspecto do Inocente de renovar a fé. As mulheres são tratadas sem reducionismos, permitindo que as leitoras sintam-se incentivadas pelas histórias descritas. Quais serão as figuras daqui a um tempo? Nossa época é de mudanças, mas as bruxas não a temem! Elas a realizam.

Referências

AMATERASU: a deusa do Sol no Japão. **Caçadores de Lendas**, 2014. Disponível em: <<https://cacadoresdelendas.com.br/japao/amaterasu-deusa-do-sol/>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

ALMEIDA, Nilma Figueiredo de. A Importância da Psicanálise para os Estudos do Imaginário. IN: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbassi. **Introdução aos Pensadores do Imaginário**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018, p. 27-49

ARANTES, José Tadeu. História: Revolução Francesa foi a primeira manifestação política feminina. **Uol**, 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/12/14/historia-revolucao-francesa-foi-a-primeira-manifestacao-politica-feminina.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

AZEVEDO; Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbassi (Orgs.). **Introdução aos Pensadores do Imaginário**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

BASTOS, Ângela. Com internet, suporte da escola e experiência da mãe. Com ensino on-line, ex-professora segue de perto as aulas da filha de oito anos. De segunda a sexta-feira, das 8h às 11h, a menina senta-se na sala para fazer os estudos. **DC revista, AN revista e Santa revista**, Santa Catarina, ano 35, n. 12.058, 04 jul. 2020. Reportagem especial/Educação, p. 32.

BATTISTELLA, Clarissa. Nós existimos e não somos fruto de ideologias”. Sargento Diana arriscou a vida muitas vezes como policial militar, mostrando coragem dentro da corporação. Fora, também. Aos 41 anos, é a primeira trans a defender, com orgulho, a farda da PM em SC. **DC revista, AN revista e Santa revista**, Santa Catarina, ano 35, n. 12.052, 23 maio. 2020. Reportagem Especial/Cidadania, p. 13.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto (Coleção comunicação), 2006.

BOLEN, Shinoda. **As Deusas e a Mulher: Nova Psicologia das Mulheres**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

BROCKINGTON, Guilherme. **Ser racional ou ser emocional? O que é melhor?** 2018. (3m07s). Disponível em: <<https://kzclip.com/video/sW62H2fmoyE/ser-racional-ou-ser-emocional-o-que-%C3%A9-melhor-guilherme-brockington.html>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BROWN, Rachel. Quem eram as mulheres mais poderosas da História Antiga? **National Geographic**, 2018. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/03/quem-eram-mulheres-mais-poderosas-da-historia-antiga>>.

BRUM, Eliane. **A Floresta das Parteias: as mãos de um punhado de mulheres fazem do Amapá a região recordista em partos normais no Brasil das cesarianas**. Revista Época, 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI160405-15228,00-A+FLORESTA+DAS+PARTEIRAS.html>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1989.

CAMPBELL, Joseph. **Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

CARPANEZ, Juliana. **Veja o passo a passo da notícia falsa que acabou em tragédia em Guarujá**. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml>>. Acesso em: 28 out. 2020.

CARTOON Network. Steven Universe | Ruby Rider Song | Cartoon Network. 2018. (3m14s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uvN6m2oeQSI&ab_channel=CartoonNetwork>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CIECELSKI, Luana Daniela; SOSTER, Demétrio de Azevedo. Os arquétipos na narrativa jornalística “A floresta das parteiras” de Eliane Brum. In: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, VII. **Anais [...]**. São Paulo, 2017, p. 1-15.

CORREIA, Rita Mira. **O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade**. 2010. 84p. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2010. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/5980/1/Tese.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

DC revista, AN revista e Santa revista passam a circular neste sábado. **NSC**, 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/dc-revista-an-revista-e-santa-revista-passam-a-circular-neste-sabado>>. Acesso em: 15 out. 2020.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, 124 p.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LAURINDO, Janaína. A educação e a temática racial. Jaqueline Conceição desenvolve ações que abordam a cultura antirracista, entre elas a criação de uma faculdade que vai oferecer curso de graduação e pós-graduação para formar profissionais focados em pensar na questão racial. DC revista, AN revista e Santa revista, Santa Catarina, ano 35, n. 12.058, 04 jul. 2020. Cultura e Comportamento/Educação, p. 34.

LESSA, Aluísio Gomes. A Ilha de Santa Catarina no Sistema de Degredo do Império Português (1770-1810): notas de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVIII. **Anais** [...]. Florianópolis, 2015, p. 1-9.

LOPES, K. **Análise da evolução do estereótipo das princesas Disney**. 2015. 52 p. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2015.

LOPES, Marina. A catarinense que deixou o Brasil mais doce. Tainá Chiarello Ficagna, de Concórdia, venceu um reality show de confeitaria no canal GNT. Aos 22 anos, ela prepara-se para empreender e deixar o cotidiano de quem vive no oeste mais doce. DC revista, AN revista e Santa revista, Santa Catarina, ano 34, n. 12.049, 02 mai. 2020. Cultura e comportamento/Gastronomia., p. 36.

LOPES, Marina. Blacah volta à metáfora dos pássaros. Uma das mulheres pioneiras no cenário da música eletrônica em Santa Catarina, a artista de Florianópolis lança o álbum “Arias of Sky”, que define como o “trabalho mais maduro”. DC revista, AN revista e Santa revista, Santa Catarina, ano 35, n. 12.051, 16 mai. 2020. Cultura e comportamento/Música, p. 34.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. 1. ed. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2016.

MAIA, Flávia Dourado Maia. A dinâmica do imaginário e do jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: INTERCOM, 2012, p. 1-15.

MAIA, Flávia Dourado. **O jornalismo entre o efêmero e o eterno: imaginário e natureza na Globo Rural**. 2011. 171 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

MÁLAGA (Cidade). Museu Carmen Thyssen. **Perversidad: Mujeres Fatales en el arte moderno**. Málaga: Museu Carmen Thyssen, 2019. 6 p.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O herói e o fora-da-lei**: Como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 2001.

MENDES, Vinícius. Ordem e progresso: como as ideias de um filósofo francês do século 19 ajudam a entender a formação do Brasil. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53829948>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

MENDES, Mariza B.T. **Em busca dos contos perdidos**: O significado das funções femininas nos contos de Perrault. 2. ed. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

MOURÃO, Hellen Reis. **A bruxa e a sedução**. 11 jun. 2014. Disponível em: <http://cafecomjung.blogspot.com/2014/06/a-bruxa-e-seducao.html>. Acesso em: 28 out. 2020.

MULHERES estudam mais no Brasil, mas têm renda 41,5% menor que homens, diz ONU. **G1**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/mulheres-estudam-mais-no-brasil-mas-tem-renda-415percent-menor-que-homens-diz-onu.ghtml>>. Acesso em: 22 out. 2020.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

PRESTES, Ângela. Acusadas. Torturadas. Expulsas. As bruxas condenadas ao Brasil. DC revista, AN revista e Santa revista, Santa Catarina, ano 35, n. 12.075, 31 out. 2020. Reportagem Especial/Folclore, p. 31.

PRESTES, Ângela. Benzedeira de Florianópolis organiza lives semanais para orar em busca de bênçãos para quem clama por problemas como dores ou outras aflições. DC revista, AN revista e Santa revista, Santa Catarina, ano 34, n. 12.049, 02 mai. 2020. Cultura e comportamento/Fé, p. 34.

RIBAS, Karoline Aparecida de Oliveira. **A deusa e a mulher contemporânea**: uma leitura dos arquétipos femininos em mitos celtas. 2017. 55 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2017.

RIBEIRO, Igor. Ponto de mutação. **Website EmCrise**, 1 jan. 2003. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/~diamantino/Ponto.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2020.

RIBEIRO, Maria Goretti. O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária. **Graphos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008.

RIENO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaísa Cristina; GEHLEN, Marco Antônio; ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. Um olhar da Comunicação sobre o imaginário e a pós-modernidade: entrevista com Juremir Machado. **Intexto**, Porto Alegre, v. 48, p. 4-13, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/72075>>. Acesso em: 25 out. 2020.

SAÍMOS mais completos diante da vida. Fernanda Montenegro fala sobre trabalhar em família em “Amor e Sorte”, nova série da NSC TV. Gravações foram feitas durante o isolamento social e atriz contracenou com a filha Fernanda Torres. DC revista, AN revista e

Santa revista, Santa Catarina, ano 35, n. 12.068, 12 set. 2020. Cultura e comportamento/TV, p. 36

SCOFANO, Reuber Gerbassi. Ernst Cassirer e o Imaginário. IN: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de; SCOFANO, Reuber Gerbassi. **Introdução aos Pensadores do Imaginário**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018, p. 13-25.

SILVA, José Edmundo Heráclito. Possíveis contribuições da teoria dos arquétipos no desenvolvimento de habilidades de comunicação. In: ENDECOM – Fórum Nacional em Defesa da Qualidade do Ensino de Comunicação Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: INTERCOM, 2006, p. 1-8.

WALT Disney Studios BR. Moana – Um Mar de Aventuras (Você quer escutar?). 2016. (56s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=woXvhVDvg9o&ab_channel=WaltDisneyStudiosBR>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ZORDAN, Paola. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p 331-341, jan., 2005.